

Lutz Hoepner (Berlim)

**Etnofármacos brasileiros:
a influência dos nomes vernaculares na
nomenclatura de Lineu**

É nosso intuito, com este artigo, fazer uma avaliação de alguns Tratados sobre flora e fauna do Brasil do século XVI, no sentido de destacar algumas designações de plantas medicinais cujo nome primitivo, de origem indígena, coincide hoje com o respectivo nome científico em Latim.

A aquisição maciça de informações de carácter botânico e terapêutico sobre drogas medicinais exóticas constituiu um dos mais importantes desenvolvimentos observados na Medicina europeia dos séculos XVI a XVIII. A expansão portuguesa deu um decisivo contributo inicial para este movimento, mas foi menor a sua contribuição durante os séculos XVII e XVIII. Apesar disso, a Matéria médica existente nas várias regiões sob domínio português, tanto no Oriente como no Atlântico meridional, despertou um apreciável interesse entre missionários, militares, colonos e viajantes e também em alguns médicos (Dias 1994: 1).

São estas as palavras de introdução para o projecto IPECA, «Índice da Proto-farmacologia na Expansão e Colonização Portuguesas (Séculos XVI-XVIII)», iniciado em meados dos anos noventa do século XX. (É aliás muito sugestivo este acrónimo, porque ipeca é o nome Tupi de uma planta medicinal brasileira, a *Cephaelis ipecacuanha*, planta primeiramente descrita por Brotero (Lorenzi / Matos 2002: 409). É um nome científico que vem muito a propósito deste artigo, porque inclui o nome vernáculo dessa planta, Ipecacuanha, forma parecida (ou subespécie) de Ipeca.

Apesar do decisivo contributo inicial da expansão portuguesa dos séculos XV e XVI para este movimento, foi relativamente diminuta a contribuição directa de Portugal para o processo de conhecimento das drogas exóticas pela Medicina europeia durante os séculos seguintes (Dias 1994: 1).

O autor do presente artigo não é naturalista, nem botânico, nem farmacólogo. Mas flora e fauna do Brasil são tópicos de pleno interesse nos contextos da Lexicografia e da Metalexicografia. O uso de termos como *Biociências*, *biocombustível*, *biopirataria* e *Biotecnologia*, está frequentemente ligado a áreas especializadas como *Etnobotânica*, *Fitofarmacologia*.

Na introdução ao seu livro «Ethnopharmazie und Ethnobotanik. Eine Einführung» (Heinrich 2001: Vorwort), o autor define os dois termos da forma seguinte:

Ethnopharmazie und Ethnobotanik befassen sich mit der traditionellen Verwendung natürlicher Materialien – meist pflanzlicher Herkunft – als Heilmittel, als Lebensmittel oder als Grundstoffe für die Produkte des täglichen Bedarfs bei indigenen Völkern.¹

O autor não especifica períodos a que pretende limitar o uso destes termos enquanto que o autor do projecto IPECA propõe o termo de *Protofarmacologia*

[...] como significando o conhecimento das drogas medicinais anteriores ao século XIX em todos os seus aspectos, incluindo a origem, a composição, as propriedades físicas e químicas, os efeitos fisiológicos, os usos terapêuticos e a preparação e administração. Do ponto de vista da História, o termo Proto-farmacologia tem a vantagem de ser mais abrangente que o termo Farmácia (Dias 1994: 1)

devido à associação ao uso actual da palavra farmácia.

Sabe-se que em Botânica, Zoologia e também em Medicina tudo quanto é termo técnico é apresentado em língua latina garantindo assim a comunicação inequívoca entre os peritos procedentes dos diferentes espaços linguísticos. Mas, paralelamente, continuam a existir em grande abundância os nomes populares ou vernáculos para designar os fenómenos da natureza. Acontece que parte dos nomes vernáculos das espécies da flora e fauna brasileiras se tornaram nomes científicos através da latinização destes mesmos nomes populares, passando a designar assim espécies ou até géneros. Confirma-se a lista de algumas espécies de plantas medicinais do Brasil por nós consideradas. Nomes populares e científicos são citados segundo «Plantas Medicinais no Brasil» (Lorenzi / Matos 2002):

1 Etnofarmacologia e Etnobotânica têm como objecto de estudo o uso tradicional de matérias naturais — sobretudo de origem florística — como remédios, géneros alimentícios ou como matéria-prima para produtos de necessidade primária dos povos indígenas (tradução feita pelo autor).

Nome popular	1. Nome científico e sinónimos 2. Autor
Acaju, Caju	1. <i>Acajuba occidentalis</i> L. (sin. de: <i>Anacardium occ.</i> L.) 2. Linné
Ambaíba, ambaúba Embaíba, Imbaúba	1. <i>Ambaiba adenopus</i> Mart. 2. Martius
Ananás	1. <i>Ananas comusus</i> L. <i>Ananas sativus</i> Lindl. <i>Ananassa sativa</i> Lindl. <i>Bromelia ananas</i> L. 2. Linné Lindley
Andira(-uchi)	1. <i>Andira inermis</i> <i>Andira jamaicensis</i> W.Wright, <i>Andira acuminata</i> Benth. 2. Wright Bentham
Ipecacuanha, I.-verdadeira, I.-legítima, I.-preta, Ipeca ...	1. <i>Cephalis ipecacuanha</i> (Brot.) <i>Evea ipecacuanha</i> (Brot). <i>Uragoga ipecacuanha</i> (Brot). <i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot). 2. Brotero
Jaborandi	1. <i>Pilocarpus jaborandi</i>
Jamacaru, Mandacaru	1. <i>Cereus jamacaru</i> DC 2. De Candolle
Jenipapo, Genipapo	1. <i>Genipa americana</i> L. <i>Genipa barbata</i> Presl, <i>Genipa caruto</i> <i>Gardenia genipa</i> Sw. 2. Linné Presl Swartz

É sabido que a maior parte dos nomes de plantas e animais em Tupi foi parar aos mais recentes dicionários de língua portuguesa. Esta particularidade já foi apresentada por nós em outras ocasiões. Desta vez, o nosso intuito é estudar o nexó entre nome vernáculo e termo técnico, isto é, descobrir os nomes científicos daquelas plantas cujo

nome vernáculo passou a constituir parte do nome científico. Vejamos o exemplo da já referida Ipeca ou Ipecacuanha ou, em termos científicos: *Cephaelis ipecacuanha* Brot.; que vem do Tupi: *trepadeira* que faz vomitar (nome popular em Alemão: *Brechwurz*). Trata-se de um nome popular do Tupi, em uso desde meados do século XVI. A 1ª referência escrita data de 1584 nos *Tratados de Fernão Cardim* (Azevedo 1997: 120). Trata-se pois de uma prática secular: a Ipecacuanha é em 1º lugar uma planta medicinal de que se aproveitam as virtudes e que se usa como fitofármaco, como acontece a milhares de outras plantas, mas constitui igualmente um profármaco se for visto em termos diacrónicos. E é para este grupo de fármacos — de uso tradicional desde há centenas de anos como remédio e cujo nome vernáculo ficou fixado no sistema de Lineu, na sua forma original, ou então latinizada — que propomos o uso da designação de «Etnofármaco».

É dessas plantas que se preparam ainda hoje produtos medicinais: ou caseiramente (chás, tinturas e pós) ou de forma industrializada (cápsulas, comprimidos e pomadas) utilizando-se apenas o princípio activo puro dessas plantas. Mas, paralelamente, continua a processar-se a produção desses princípios activos por síntese química, processo que se impôs em larga escala na 2ª metade do século XVII, em oposição à farmácia tradicional praticada pelos boticários.

1. Uso das plantas medicinais no Brasil

Devido aos condicionalismos da nossa escolha — isto é, fazer uma avaliação de *Tratados sobre flora e fauna do Brasil do século XVI*, considerando apenas plantas medicinais cujo nome primitivo, de origem indígena, coincida com parte do nome científico em Latim — o número de exemplos sera forçosamente reduzido.

O conhecimento dos primeiros europeus sobre plantas e animais do Brasil deu-se através do contacto com os índios e, em particular, com os feiticeiros — os pajés — como são conhecidos desde meados do século XVI (Lorenzi / Matos 2002: 14). E eram sobretudo os missionários em contacto com os índios que começaram a juntar os conhecimentos sobre o uso das plantas nativas. Foram os jesuítas quem mais rapidamente aprenderam a preparar os seus remédios, instalando mais tarde boticas próprias nas missões. Assim, o jesuíta José de Anchieta é referido como o primeiro a instituir uma botica no colégio de Piratininga. Isto era também devido à falta de medicamentos que só

chegavam de Portugal conforme a sorte dos ventos. Criou-se uma tradição boticária no Brasil que teve, aliás, um fim brusco com a execução do directório do Marquês de Pombal de 1756 sobre a expulsão dos jesuítas e, mais tarde, o sequestro dos seus bens, inclusive boticas e, sobretudo, receitas secretas, em 1760.

2. Os primeiros relatores do uso de plantas medicinais no Brasil

Referir-se-ão, seguidamente, os primeiros autores importantes que mencionam plantas medicinais do Brasil e respectivos usos. Padres jesuítas como Fernão Cardim e Francisco Soares, assim como o senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa elaboram, na segunda metade do século XVI, Tratados sobre o Brasil, descrevendo terra e gentes do Brasil, debruçando-se nesse contexto também sobre o uso de plantas medicinais.

Fernão Cardim — os seus Tratados «Do clima e Terra» e «Do princípio e origem dos índios», redigidos entre 1583 e 1590, ainda hoje são objecto de pesquisas quando se trata de informações etnográficas fidedignas do Brasil no século da sua descoberta (Azevedo 1997). Os manuscritos de Cardim chegaram, após a captura de Cardim por corsários ingleses, a um alfarrabista de Londres e foram adquiridos por Samuel Purchas que os publicou na sua edição «Purchas his Pilgrimes» (Purchas 1625: 1289-1320) (predecessora das publicações da famosa Hakluyt Society) em 1625, sendo a 1ª edição de Cardim, portanto, em língua inglesa (Albuquerque 1994: 199-200).

Francisco Soares — também jesuíta, deixou em manuscrito «Coisas notáveis do Brasil» (Cunha 1966) entre 1591 e 1596 (1ª publicação em 1904). Acompanhou o visitador da Companhia de Jesus (Cristóvão de Gouveia) pelo Brasil, assim como anteriormente o tinha feito Cardim.

Gabriel Soares de Sousa — fidalgo português, estabeleceu-se na Bahia em 1569, junto com o seu irmão. Soares ficou rico como senhor de engenho e foi vereador pela cidade de Salvador. O seu «Tratado descritivo do Brasil em 1587» (Sousa 1971) foi descoberto e publicado (mas só em 1851) pelo diplomata e historiador brasileiro Adolfo de Varnhagen.

A título de exemplo passamos a citar algumas referências ao uso medicinal de plantas que à primeira vista podem não ser conhecidas como tais — portanto como plantas medicinais. Mas, ainda hoje, são

referidas como tais, conforme a recente edição de «Plantas Medicinais no Brasil» — PMB — (Lorenzi / Matos 2002):

Ambaíba	
Soares de Sousa:	Tem o ôlho desta árvore grandes virtudes para com ele curarem feridas, o qual, depois de pisado, se põe sôbre feridas mortais, e se curam com ele com muita brevidade, sem outros ungüentos; e o entrecasco dêste ôlho tem ainda virtude, com o que também se curam feridas de chagas velhas;
Cardim:	a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquelas raspas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara.
Soares:	as folhas farpadas grandes e Redondas tẽ mta v'tude e quẽtes seruẽ pa inchaços. Os olhos pizados postos na ferida fresca sara logo mto depreça e se for chagua velha lauãdoa mto bẽ cõ limaõ q' não fique nada em sangue saraõ taõbẽ, as folhas quẽtes seruẽ pa inchaços e corrimtos O olho tirãdolhe a tona vermelha delida he pa camaras [i.é diarreia L. H.]
PMB:	chás diuréticos, actividades antihipertensiva e antiinflamatória.
Ananás	
Cardim:	é boa para doentes de pedra [cálculo em rins e bexiga, p.ex., L. H.]
Soares de Sousa:	são proveitosos para curar chagas com êles.
Soares:	he boa para feridas velhas
PMB:	anti-inflamatório, diurético, para problemas das vias respiratórias, contra acnes, para feridas, úlceras, chagas; e como «máscara rejuvenecedora».
Caju ou Acaju	
Cardim:	a casca ... é único remédio para chagas velhas e saram depressa
Soares de Sousa:	são medicinais para doentes de febres, e para quem tem fastio, os quais cajuos fazem bom estômago e muitas pessoas lhes tomam o sumo pelas manhãs em jejum, para conservação do estômago
Soares:	serue pa feridas e sãgue de molheres
PMB:	anti-séptico e antiinflamatório, com propriedades vermícidas, evidencia eficiência no tratamento de lepra, eczemas entre muitas outras propriedades tanto nas preparações caseiras como conforme resultados da pesquisa farmacológica.

Ipecacuanha	
Soares de Sousa:	as suas raízes são como de junça brava, mas mais grossas, as quais têm grande virtude para estancar câmaras; do que se usa tomando uma pequena desta raiz pisada e lançada em água; posta a serenar e dada a beber ao doente de câmaras de sangue lhas faz estancar logo.
Cardim:	Esta erva é proveitosa para câmaras de sangue: a sua haste é de comprimento de um palmo, e as raízes de outro, ou mais, deita somente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde quer que está, mas o cheiro é fartum terrível; esta raiz moída, botada em um pouco de água se põe a serenar uma noite toda, e pela manhã se aquece a água com a mesma raiz moída, e coada se bebe somente a água, e logo se faz purgar de maneira que cessam as câmaras de todo.
PMB:	vomitivo, expectorante, actividade amebicida, aproveitado na cura do alcoolismo.
Jenipapo	
Soares de Sousa:	Tem virtude esta tinta para fazer secar as bostelas das boubas aos índios
Cardim:	é boa mezinha para camaras [i.é diarreia L. H.] de toda ordem
PMB:	purgativo e antigonorréico, antidiarréico, antissifilítico e em caso de problemas do fígado e baço, entre outras propriedades.

Mostram estes exemplos o quanto já se sabia sobre os muitos usos que se podia fazer da natureza brasileira. E em PMB (Lorenzi / Matos 2002) referem-se ainda as aplicações dessas plantas ou de partes delas em diferentes tipos de preparações: cascas ou folhas tratadas por cozimento, sucos de frutos com algum tratamento particular, infusões das inflorescências, ou partes pisadas em fresco e decôctas ou secas.

Os Tratados destes homens quinhentistas só muito tarde chegaram até nós, como ficou dito, porque os manuscritos permaneceram muito tempo sem ser impressos.

Em muitos dos casos, as descrições parecem copiadas umas das outras. Cardim, acompanhante do padre visitador, percorreu toda a costa desde Pernambuco até São Vicente (Azevedo 1997: 298), no Sul do Brasil, acontecendo o mesmo com Francisco Soares que, alguns anos mais tarde, foi desde Pernambuco até ao Río de la Plata, segundo consta do seu manuscrito (Cunha 1966: XX-XXI). As descrições de Gabriel Soares de Sousa referem-se exclusivamente à zona de São

Salvador da Bahia. O espaço percorrido por estes três é, portanto, vastíssimo, mas mesmo assim, as concordâncias são impressionantes e não é de admitir que alguém possa ter copiado os escritos do outro (pelas razões já referidas: o facto de terem ficado inéditos, como manuscritos solitários, durante séculos).

Para que fique claro, estes três autores quinhentistas não escreveram com a intenção de elaborar Tratados sobre o uso de plantas medicinais, pois, não eram boticários, mas sim os primeiros a pôr no papel as suas observações e experiências com a flora brasileira. Apontaram as características que lhes terão dado mais nas vistas ou que terão aprendido com os indígenas. Descreveram, no entanto, particularidades físicas, fenómenos interessantes que opõem essas plantas às conhecidas na Europa e transcreveram usos muito práticos (por exemplo, certa árvore dava para mastros dos navios). Ficaram, portanto, longe ainda de fornecer descrições científicas das plantas e das suas virtudes. Nada sabiam, como hoje em dia, sobre os princípios activos nas plantas, princípios esses que mais tarde e durante muito tempo eram e ainda são produzidos com base na indústria química (lembremo-nos da trajectória da aspirina como princípio activo). E ainda mais longe estiveram estes autores de ter pensado sobre as plantas (medicinais) do Brasil em termos taxonómicos, portanto, sistemáticos. Os autores de «Plantas e Conhecimento do Mundo nos Séculos XV e XVI» escrevem a propósito:

Sempre que Soares de Sousa se empenha em descrever uma árvore, ou qualquer planta brasileira, compreende-se perfeitamente que ele pretende sublinhar a diferença, que separa a natureza do Brasil de qualquer natureza europeia, de maneira a marcar a fronteira que separa a natureza de lá [Portugal] da natureza de cá [Brasil]. Não esquecendo, contudo, de pôr em evidência a maneira como os portugueses se integram, recorrendo às plantas medicinais, [...]

A natureza do Brasil constitui por isso um elemento poderoso da criação desta «consciência brasileira», que passa pela utilização dos recursos de uma natureza brasileira que não depende dos valores europeus (Henriques / Margarido 1989: 118).

É pois a aprendizagem com os Índios e a plena integração dos Portugueses no Brasil que faz com que o conhecimento sobre as virtudes das plantas medicinais e os seus respectivos usos entre os indígenas se tenha mantido até aos nossos dias.

Naquela época ainda não existia uma sistemática que fornecesse um quadro para se poder incorporar plantas novamente descobertas,

como temos hoje. No tempo anterior a Lineu, essas plantas do Mundo Novo reflectiam-se nas farmacopeias através da redacção de enormes paráfrases em latim com o fim de as distinguir das outras já descritas.

Mas poucos anos antes das actividades de Cardim, Soares e Soares de Sousa, o naturalista suíço Conrad Gesner (1516-1565) já tinha dado os primeiros passos rumo à organização dos reinos animal e vegetal. Gesner começou por organizar as plantas em ordens, famílias e espécies, antecedendo, verdadeiramente, em dois séculos o sistema similar e bem conhecido de Lineu. Infelizmente, essa obra só foi publicada quase 200 anos após a sua morte (Pinna 2001: 83), sob o título «Conradi Gesneri Opera Botanica», entre 1751 e 1771. Mas, naquela altura, em meados do século XVI, Gesner ainda não pôde considerar plantas de origem brasileira. Mal se tinham instalado os primeiros colonos e missionários.

Garcia de Orta (1499-1568), português, médico e biólogo, escreveu «Colóquios dos simples e drogas he cousas medicinais da Índia e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas boas pera saber» (Orta 1987), título impresso em Goa, no ano de 1563. E este é o primeiro Tratado científico sobre plantas, mas plantas do Oriente. O interesse científico de Garcia de Orta consiste no facto de ele fornecer informações fundamentais para a Medicina, Botânica, Física, Química, Farmacologia e Biologia.

Já no século XVII, entre 1624 e 1627 provavelmente, o franciscano Frei Cristóvão de Lisboa elaborou uma obra de grande importância para o conhecimento da História natural do Brasil, ainda antes da época do Brasil Holandês, mas também de edição tardia, de 1934. Sua «História dos Animais e Árvores do Maranhão» reúne descrições e desenhos de plantas e animais do Brasil. O seu método de descrever as plantas e as suas virtudes em nada difere ainda do dos autores do século XVI. Escreve ele sobre o Ananás:

[...] e se pode tirar do sumo dele hũ iaro xeio esta auguoa, he muito soberana pera a dor de pedra e corta muito e alimpa o quorpo, e tãobem cerue a matar lombriguas (Lisboa 2000: 238).

E sobre o Jenipapo:

E serue tambem pera mezinha pera as boubas (Lisboa 2000: 248).

Só poucos anos depois saiu uma obra ainda hoje muito respeitada e que se tornou referência por muito tempo: trata-se da «Historia Naturalis Brasiliae» (Pies 1948) de Georg Marcgraf (naturalista) e Wil-

lem Pies (Piso, médico de Maurício de Nassau). Era a época em que a Holanda se tornava um dos pólos mais dinâmicos da Europa (Rodrigues 1957: VII-IX), com vultos como Rembrandt e Vermeer. Georg Marcgraf e Willem Pies foram para Pernambuco, ao assim chamado Brasil Holandês, nos anos 30 do século XVII. Trabalharam sob o mando de Johann Moritz von Nassau (João Maurício de Nassau) e constituíram parte da primeira expedição científica propriamente dita ao Brasil, composta por naturalistas e artistas, tanto alemães como holandeses. Uma obra da autoria de ambos (póstuma por parte de Marcgraf) continua a ser de tão grande importância porque se baseia em observações pessoais dos autores que são ao mesmo tempo peritos da área: «*Historiae rerum naturalium Brasiliae*» de 1648 e publicada em língua portuguesa em 1948² (Pies 1948). Pies em sua «*De Indiae Utriusque re naturali et medica*» de 1758 (Pies 1957), publicada sob o título «História natural e médica da Índia Ocidental», relata sobre as doenças mais frequentes e sobre plantas medicinais. Em amplas descrições, Pies divaga sobre as diversas espécies, não só apontando aspectos físicos, mas também medicinais:

Acaiaíba e seu fruto caju: O óleo, [...], cura as herpes [...] e da-se aos cancerosos e aos que sofrem de úlceras malignas na carne corrupta. Combate também as impigens e os vermiculos dos pés, [...] Os índios propinam a goma da árvore, reduzida a pó, num líquido adequado, às mulheres que sofrem de obstrução das regras menstruais (Pies 1957: 275).

Marcgraf escreve:

Ambaíba: Na sumidade da árvore, a cavidade contém uma medula branca, [...] com que os negros curam com bom resultado as feridas (Pies 1948: 91)

Nana. Ananás [...] Deste fruto tira-se o suco que misturado com água é dado aos doentes, entre os indígenas, [...] (Pies 1948: 33).

Ipecacoanha: Tem a propriedade de depurar, expelir a urina e resolver os infarctus. [...] bebida serve de vomitório expurgante; produz ótimo resultado na disenteria e outras afecções do ventre (Pies 1948: 17).

Jaborandi: Sua raiz cortada e infundida nágua fervida e depois bebida de manhã, constitue poderoso remédio contra a gonorréia; serve também contra venenos, falta de urina e cálculo (Pies 1948: 69).

O Padre jesuíta Simão de Vasconcelos, nas suas «Notícias curiosas e necessarias das cousas do Brasil» impressas em 1663, escreve muito em termos gerais sobre plantas medicinais do Brasil:

2 «História natural do Brasil. Ilustrada».

Em proua particular de que todas as eruas, & aruores do Brasil são boas, cada qual em seu genero, & com bondade exquisita, & singular; leaõ-se quatro liuros inteiros da Historia natural desta terra outras vezes citada; & folgarâ de ver o leitor (âlê da verdura) o thesouro de virtudes medicinaes, que Deos pos nesta parte do mundo (Vasconcelos 1663: 148-149).

Ananás:

Suas bondades seruem pera o gosto & pera a medicina. [...] seu licor esprimido de fresco, & bebido, he efficaz remedio pera supressão de ourina, & dor de rins, & juntamente contra veneno, especialmente contra o sumo da mandiôca, [...] (Vasconcellos 1663: 143).

Jaborandi:

[...] jaborandí, [...] Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas (Vasconcelos 1663: 157).

Havia, portanto, tanta coisa por descrever que Vasconcellos não se sentia à altura de fazê-lo.

3. Plantas medicinais no Século das Luzes

Por razões óbvias não fazemos aqui menção dos medicamentos químicos sobre os quais escreveu o nobre D. João de Castelo Branco em meados do século XVII, nem sobre a propaganda que em favor dos medicamentos químicos fez o médico João Curvo Semedo, em princípios do século XVIII. Passamos apenas a referir um comerciante de drogas francês que vivia em Lisboa desde finais do século XVII, João Vigier (1662-1723), o qual escreveu a «Pharmacopea Ulissiponense» (Vigier 1716). E é na altura em que o padre Raphael Bluteau publica o seu volumoso «Vocabulário» (Bluteau 1712-1728) que Vigier lança uma espécie de dicionário das plantas,

Historia das Plantas da Europa, e das mais uzadas que vem de Asia, de Affrica, & da America com breve discurso de suas Qualidades e Virtudes especificas. Com uma Taboada geral dos nomens das plantas, tanto Latinos, Franceses, Italianos, Españoles, que Allemains (Vigier 1718).

Nem sempre ocorrem as correspondências nas línguas estrangeiras.

Aliás, não encontrámos nele as plantas que aqui são apresentadas, mas, a título de exemplo e por curiosidade, refira-se o que escreve sobre o tabaco:

Tabacum nicotiana. Port. Erva sancta ou Tabaco. [...]

Virtudes: Purgaon com muyta violencia, usase na apoplexia, paralisia, [...] na asthma, [...] usase na dor dos dentes aplicada em cima ou de cachimbo; tomase pello Naris para fazer espirrar & a suar: (Vigier 1718: 283-284).

É este nome posto ao inverso que hoje constitui o nome científico e é associado a Lineu (*Nicotiana tabacum* L.). Este verbete em Vigier não tem tradução em Alemão mas diz que em Francês é «Tabac».

Cinquenta anos mais tarde, em 1765, sai o «Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, ...», escrito por José Monteiro de Carvalho (Carvalho 1765). Contém uma dedicatória ao Marquês de Pombal. Refere sobretudo espécies locais, não há descrição científica nem sistemática, mantém-se ao nível das definições do século XVI, não faz referência a virtudes medicinais. A propósito do ananás, escreve o autor:

Annanaz: fruto do Brazil com a figura de huma pinha: o gosto, e o cheiro he como o do Maracotão: a cabeça do fruto he a modo de hum penhasco, ou grinalda de cores apraziveis, e as folhas são como as da erva Babosa. Nos nossos Brazis ha grande quantidade, na China, Japão, &c. (Carvalho 1765: sem página).

O naturalista e jesuíta João Daniel redigiu o «Tesouro descoberto no Rio Amazonas» (Daniel 1975) após ter viajado pela Amazônia entre 1741 e 1757. Daniel esteve na Amazônia por ordem do Marquês de Pombal no sentido da promoção do saber científico, no quadro da Reforma Pombalina — só que, mais tarde, se tornou vítima de outra ordem pombalina, a de expulsar todos os jesuítas do Brasil, morrendo anos depois no cárcere onde acabara de redigir o seu Tesouro. As primeiras edições, aliás parciais, datam dos anos de 1820 e 1840. A concepção do «Tesouro» de João Daniel está mais virada para indicar vias para o melhor aproveitamento agrícola da Amazônia. Mesmo assim, descreve grande número de plantas e animais. O zoólogo brasileiro Hitoshi Nomura (Nomura 1998: 131-175) refere no seu estudo «História da Zoologia no Brasil: Século XVIII» ca. de 192 espécies só da fauna brasileira na obra de João Daniel.

Domenico Vandelli, de origem italiana e professor de Historia Natural, detentor da cátedra em Coimbra antes de Brótero, elaborou, durante o governo do Marquês de Pombal, o «Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural» (Vandelli 1788) — contendo os termos em Latim, as explicações em Português, mas não refere os res-

pectivos nomes populares. A segunda parte contém «Florae Lusitanae et Brasiliensis specimen» e a terceira parte é constituída por estampas representando plantas e animais. Vandelli elaborou um glossário em Latim com base no sistema de Lineu; aí as correspondências em Português são poucas e os exotismos do Brasil primam pela ausência.

Durante as invasões francesas, entre 1807 e 1811, Vandelli foi acusado de ser afrancesado e de ter ajudado os franceses a pilharem as colecções de Alexandre Rodrigues Ferreira, tendo em 1810, com 80 anos, sido preso e deportado para a Ilha Terceira nos Açores.

Félix Avellar Brotero, professor de Botânica em Coimbra e cientista de grande renome, viveu durante longos anos exilado em Paris, publicou, em 1788, o seu «Compêndio de Botânica ou noções elementares desta sciencia, segundo os melhores Escretores modernos, expostos na lingua Portuguesa» (Brotero 1788) em 2 volumes. Esta obra contém um «Index dos nomes triviaes Portugueses de plantas, [...] segundo o systema de Linneu» (Brotero 1788: 325-352), mas não nos foi possível localizar aí plantas medicinais brasileiras. De regresso a Portugal, foi nomeado lente de Botânica e Agricultura na Universidade de Coimbra, em 1791.

O PMB cita uma planta medicinal com algumas subvariantes cuja descrição leva o nome de Brotero, i.é: Ipecacuanha e ipeca (*Cephaelis ipecacuanha* Brot.)

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, de origem brasileira e com estudos em Coimbra, foi enviado para uma «Viagem filosófica ao Rio Negro» (assim o título do relatório da viagem) (Ferreira 1971) onde permaneceu entre 1783 e 1792. O material coleccionado por Ferreira teve muito mau destino, tendo grande parte sido entregue aos franceses na altura da ocupação napoleónica de Portugal, em princípios do século XIX, e posteriormente publicado por Auguste St.-Hilaire. Mas ficou comprovado que Rodrigues Ferreira denominou e descreveu grande número de espécies brasileiras com os seus respectivos nomes indígenas. De novo, Hitoshi Nomura (Nomura 1998: 176-246) refere que Rodrigues Ferreira denominou e descreveu ca. de 215 espécies da fauna brasileira (80 peixes, 15 tartarugas, 85 mamíferos e 35 aves).

Igualmente nos anos oitenta do século XVIII, o naturalista brasileiro Frei José Mariano da Conceição Vellozo viajou pela Capitania do Rio de Janeiro coleccionando plantas e elaborando um estudo que

saiu como «*Florae Fluminensis*» (a partir de 1829), onde adoptou o sistema sexual de classificação das plantas de Lineu. As descrições que faz sobre as virtudes das plantas são muito minuciosas, e os textos são complementados com um grande número de estampas. A edição completa é constituída por três volumes de texto e quinze volumes de estampas:

[...] surgirá ao cabo de oito anos nos 1640 desenhos e descrições da *Flora Fluminense* (Veloso 1961: 6).

4. Conclusão

Sintetizando, pode-se afirmar que o século XVIII foi riquíssimo no que diz respeito ao estudo da flora e da fauna. Nesse século, milhares de plantas e animais foram descritos e a partir de meados desse século foram sendo incluídos nas sucessivas edições do «*Systhema Naturae*» de Lineu. Houve viajantes que foram em longas expedições colecionando a matéria-prima que mais tarde foi descrita por eles ou outros e integrada no seu devido lugar no sistema taxonómico. O século XVIII foi a época em que se impôs a sistematização possibilitando assim que hoje tenhamos obras de consulta de toda a espécie.

Quanto a este aspecto, pode-se afirmar que tudo começou com o Padre Raphael Bluteau — como dicionarista — e as suas indicações sobre onde achar mais informações a respeito de plantas e animais (do Brasil, para o caso). No seu «Vocabulário das palavras trazidas do Brasil», dentro do «Vocabulário Português e Latino» (Bluteau 1712-28: vol. X, 495-496) cita Marcgraf e Pies como fontes a consultar. Mas também no corpus, ele é o primeiro dicionarista a incluir tupinismos em quantidade relevante, quantidade que outro dicionarista após ele, Antônio de Moraes Silva (Silva 1789), diminuiu bastante. E é muito mais tarde, na segunda metade do século XIX, que Domingos Vieira (Vieira 1871-74) retoma o fio incluindo um número considerável de nomes de plantas e animais do Brasil, agora sim acompanhados pelos respectivos nomes científicos. E finalmente, quanto ao tanta vez citado PMB, convém resumir que:

De entre as 316 plantas medicinais apresentadas no PMB (sem contar as inúmeras subvariantes também denominadas aqui) a maior parte leva como marco identificador um L maiúsculo, significando que quem descreveu a referida planta foi o próprio Lineu.

São 20 as plantas que têm uma parte do nome científico (ou género ou espécie) de origem Tupi, fazendo os seus princípios activos parte dos assim chamados «etnofármacos».

Bibliografia

- Albuquerque, Luís de (1994): *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa: Caminho.
- Azevedo, Ana Maria (1997): *Fernão Cardim. Tratados da Terra e Gentes do Brasil*, Lisboa: UNCDP.
- Bluteau, Raphael (1712-28): *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, ...*, 10 vols., Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, Joseph Antonio da Silva.
- Brotero, Felix Avellar (1788): *Compêndio de Botânica ou noções elementares desta sciencia, segundo os melhores Escritores modernos, expostos na lingua Portuguesa*, 2 vols., Paris.
- Carvalho, José Monteiro de (1765): *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas, Metaes, Pedras, Terras, Mineraes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes*, Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.
- Cunha, Antônio Geraldo da (1966): *Dicionário da Língua Portuguesa. Textos e Vocabulários. Coisas Notáveis do Brasil*, 6, vol. 1., Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- Daniel, João (1975): «Tesouro descoberto no Rio Amazonas», em: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 95, t. 1., Rio de Janeiro.
- Dias, José Pedro Sousa (1994): «Objectivos e linhas metodológicas do projecto IPECA: Índice da Proto-farmacologia na Expansão e Colonização Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)», em: *Medicamento, História e Sociedade*, 4, 1-7, Lisboa.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues (1971): *Viagem Filosófica pelas capitánias de Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*, 2 vols., Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- Heinrich, Michael (2001): *Ethnopharmazie und Ethnobotanik. Eine Einführung*, Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft.
- Henriques, Isabel Castro / Margarido, Alfredo (1989): *Plantas e Conhecimento do Mundo nos Séculos XV e XVI*, Lisboa: Alfa.
- Lisboa, Cristóvão de (2000): *História dos Animaes e Arvores do Maranhão*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical
- Lorenzi, Harri / Matos, Francisco José Abreu (2002): *Plantas Medicinais no Brasil*, Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- Nomura, Hitoshi (1998): *História da Zoologia no Brasil: Século XVIII*, Publicações Avulsas, 2.^a Série, No 4, Lisboa: Museu Bocage.

- Orta, Garcia da (1987): *Colóquios dos simples e drogas da India*, Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda.
- Pies, Willem (1948): *História natural do Brasil. Ilustrada*, São Paulo: Companhia Editoria Nacional.
- Pies, Willem (1957): *História Natural e Médica da Índia Ocidental em cinco livros*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro. HI. E.
- Pinna, Mário de (2001): «Conrad Gesner e a sistemática biológica», em: *Ciência hoje*, vol. 30, no. 178, São Paulo, pp. 82-84.
- Purchas, Samuel (1625): *A Treatise of Brasill written by a Portugall which had a long live there*, 7th Booke, vol IV, London.
- Rodrigues, José Honório (1957): «Escorço Biobibliográfico», em: *História Natural e Médica da Índia Ocidental (Historiae Naturalis & Medicae Indiae Occidentalis, 1658)*, Coleção de Obras Raras. Rio de Janeiro, pp. VII-XI.
- Silva, António de Moraes (1789): *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Sousa, Gabriel Soares de (1971): «Tratado descritivo do Brasil em 1587», em: *Brasiliana*, vol. 117, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Vandelli, Domingos (1788): *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural*, Coimbra: Real Officina da Universidade.
- Vasconcelos, Simão de (1663): *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil (Livro segundo, das noticias curiosas, antecedentes, das cousas do Brasil)*, Lisboa: Henrique Valente de Oliveira.
- Veloso, José Mariano da Conceição (1961): *Flora fluminense*, Rio de Janeiro: Publicações Históricas 48.
- Vieira, Domingos (1871-74): *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, 5 vols., Porto: Chadron & Moraes.
- Vigier, João (1716): *Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica e Chymica*, Lisboa: Officina Pascoal da Silva.
- Vigier, João (1718): *Historia das Plantas da Europa, e das mais uzadas que vem de Asia, de Affrica, & da America. Onde ve se suas figuras, seus nomes, em que tempo florecem & o lugar onde naceem. Com breve discurso de suas Qualidades e Virtudes especificas. Divididas em dois volumes, & acomodada na forma de grande Pinax de Gaspar Bauhino*. Per Joaon Vigier, em Lion: Anisson, Posuel & Rigaud.